ANO 1.º — LISBOA — QUINTA-FEIRA, 13 DE OUTUBRO DE 1921 — N.º 162

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1.
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Dibea

TÊM-SE ocupado os jornais dum contracto fechado entre o sr. ministro do Comercio e uma firma inglesa que fornecerá o carvão necessario a todos os serviços do Estado e suas dependencias.

Significa tal contracto que o governo de Londres estendeu a Portugal os creditos de exportação, abertos a favor de outros paises, a fim de defender-se contra os perigos da crise industrial em que vive a Inglaterra. Nós como velhos aliados não poderiamos ser esquecidos.

Pois se trata dum fornecimento importantissimo, com repercussão na possivel melhoria cambial, aguardamos que o governo torne publicas todas as condições, porque em tais assuntos a verdade é a melhor candeia. Assim muito desejamos saber se o transporte do combustivel será feito nos navios do Estado, para que se não diga que estes não servem para nada, quando, como agora, deveriam concorrer para impedir a saida do oiro, não se pagando os fretes a companhias estrangeiras.

Acerca dos seguros tambem deviam ser atendidos os interesses das companhias nacionais. Será assim. E tambem não desconviria que tanto fretes como seguros, e, tambem os carvões, sejam pagos segundo as cotações oficiais, na data do transporte.

***

A' SEMELHANÇA do que fez o governo, tambem algumas empresas e companhias ferroviarias pensam em obter o carvão de que necessitam, sobretudo, se lhes não faltar o apoio oficial.

***

ANTES da abertura do Parlamento, tudo o que se escreva e diga ácerca de operações financeiras de credito é prematuro. A ocasião propicia ha de chegar, por muito que pese aos varios corvos que, com os seus grasnidos, tentam anoitecer a vida do país. Por emquanto, os emissarios que têm seguido para o estrangeiro ocuparam-se sómente de acudir ás dificuldades imediatas, como os pagamentos de encargos do país, fornecimentos de generos e mercadorias, etc.

***

CORRE com insistencia que se prepara uma grande manifestação militar ao sr. ministro da guerra, a fim de que este robusteça a sua acção organizadora, a dentro do exercito português.

***

AFIRMAM-NOS que o director da alfandega do Porto, sr. Raul Tamagnini Barbosa, exonerado e suspenso por 30 dias em virtude de uma sindicancia que lhe foi feita, telegrafou ontem ao sr. administrador geral das alfandegas comunicando estar disposto a não abandonar o logar.

***

EM materia de abastecimento de trigos, ouvimos dizer que existe uma viva competencia entre uma firma inglesa e uma francesa que se propõem, qualquer delas, celebrar com o nosso governo contrato parecido com o do carvão.

Talvez a viagem do sr. Adrião de Seixas tenha certa relação com o asunto...

***

ESTÁ aberto concurso para o provimento de dois lugares vagos de professores ordinarios da Faculdade de Farmacia da Universidade de Lisboa.

UMA EXPLICAÇÃO

O *Diario de Lisboa* pretende sem basofia ser um jornal absolutamente livre nas suas opiniões, empenhando-se por tornar conhecidas dos seus leitores as muitas correntes politicas, sociais, economicas, literarias e artisticas que, na nossa terra, constituem um interesse para o estudioso ou uma esperança para as multidões. Quando entende que se torna necessario, na sua clara e calma orientação nacionalista, dizer o que julga ser a verdade não usa de rodeios nem emprega reticencias.

Na sua primeira pagina, costuma usar do seu integerrimo direito de critica, apreciando, criticando, defendendo este alvitre, combatendo aquela medida, mas sem se enfeudar a qualquer dos partidos e seitas que tão aguerridamente se agridem nas antevesperas dos seus provaveis triunfos. Apesar de já varias vezes termos afirmado isto, ainda, de vez em quando, aparece quem pretende atribuir-nos outros intuitos, como se o *Diario de Lisboa* praticasse o sistema comodo de servir uma causa, embora fingindo trata-la sem qualquer sombra de predilecção.

O nosso prezado colega *Correio da Manhã* [illegible] nosso comnosco, quando nos diz *feitos* com o integralismo para ajudarmos a sua expansão. Não temos por costume ir buscar as ideias dos outros, para fazermos delas a nossa bandeira. Como sabemos e podemos, dispensamos esta forma de recurso ao credito.

O integralismo interessa-nos como doutrina e orientação, mas com a mesma curiosidade, acompanhamos o constitucionalismo monarquico. Quer isto significar que somos defensores dum e doutro? Nem por sombras. Sendo o *Diario de Lisboa* um campo neutro onde, sob a fórma amavel e ligeira de entrevistas, acolhemos as opiniões que reputamos interessantes e necessarias para manter bem vivo o nosso culto da actualidade, não nos decidimos por nenhuma.

Havendo em Lisboa tantos jornais com inclinações definidas, mais para a direita ou mais para a esquerda, o *Diario de Lisboa*, modestamente, quer ser simplesmente... um jornal.

O seu director, a fim de evitar acusações infundadas como as que lhe dirige o *Correio da Manhã*, mantem-se sempre vigilante, para que o fiel da balança não se afaste do ponto de equilibrio. E até hoje, em sua consciencia, não tem motivo para estar descontente. Espera simplesmente que haja para com o *Diario de Lisboa* a mesma maneira franca de julgar que ele usa com os outros. Nem mais nem menos.

Como não dispomos de muito tempo para discussões, por muito prazer que elas nos causem, dificilmente voltaremos a este assunto. Socialistas, sindicalistas, republicanos, catolicos e integralistas honraram as colunas do *Diario de Lisboa* respondendo gentilmente aos nossos questionarios. Nem eles se confundiram comnosco nem nós com eles, porque não fizemos troca de crenças, nem de convicções.

Cada qual no seu campo.

Cada qual no respeito do pensamento alheio.

LOGICO

— Todos aqueles que eu recusei antes de casar comtigo são hoje mais ricos do que tu!

— Naturalmente...

APESAR do sr. Fernandes Costa deixar a pasta do Comercio sem resolver o problema da nossa frota mercante, sabemos que, até o fim do ano, visto tratar-se dum alto interesse nacional, o assunto tem de ficar arrumado.

No estrangeiro, há quem, considerando as vantagens do nosso porto para os roteiros do Atlantico e Mediterraneo, se propõe fazer ao nosso governo uma proposta para o arrendamento dos barcos, que hoje, tão esterilmente, são explorados pelos T. M. E.

Dentro do paiz, não falta quem advogue, e com muitas, senão todas as probabilidades de se bater o concorrente externo, a formação ou adaptação dum organismo com solidas garantias, que administre os nossos barcos, sem a intervenção directa do Estado, embora este seja o principal dono ou acionista.

***

O GOVERNO insistiu ontem novamente com o major sr. Bento Roma para que aceite o cargo de governador de Cabo Verde. Informações seguras dizem-nos que aquele oficial manterá a sua atitude de recusa. Sabemos tambem que o sr. dr. Oliveira Santos, antigo governador da Lunda, ha dias indigitado por alguns jornais para ir dirigir os destinos de Cabo Verde, não pretende o lugar, tendo estranhado por esse acto que o seu nome fosse apontado nos jornais como sendo o do futuro governador.

***

O SR. presidente do Ministerio conferenciou hoje com o sr. Borges Grain ha sobre o edificio do Quelhas; com uma comissão dos empregados da Carris e com uma delegação do Gremio Luzitano.

Esta ultima conferencia teve um caracter politico, não devendo o assunto dela andar longe do movimento de salvação publica e provavelmente de qualquer nova ideia ministerial.

***

NOVAS autoridades administrativas:

Foram nomeados governadores civis de Portalegre, o sr. Luis Antonio Ribeiro Botelho; de Beja, o sr. Francisco Costa Rosa; administrador do concelho de Campo Maior, o sr. Bruno Evangelista; e auditor administrativo do distrito de Portalegre o sr. Luís Amado Pereira.

***

PELA Camara dos Corretores da Bolsa de Fundos Publicos foram admitidos a cotação os seguintes titulos: 50.000 acções do Banco Industrial Português, do valor nominal de 100$00, representando capital de 5.000.000$00, com o desembolso total e com os n.os 1 a 50.000 em titulos de 1, 5 e 10 aeções.

24.000 acções da Equitativa de Portugal e Ultramar, do valor nominal de 50$00, representando capital de 1.200.000$09, com o desembalso de 50 por cento e com os n.os 1 a 24.000, em titulos de 1, 5 e 10 acções.

***

PROCUROU-NOS o sr. dr. João de Deus Ramos para nos dizer que nunca se queixou fôsse a quem fosse do pouco republicanismo da nossa mocidade academica.

Na entrevista que concedeu a um dos nossos redactores ocupou-se da necessidade de a Republica criar uma cultura, mas não fez quaisquer referencias ás crenças politicas das novas gerações escolares.

MAGAZINE

Um centenario

O México celebrou há dias com enthusiasmo o centenário da sua independencia. O presidente Alvaro Obregón pronunciou, diante do corpo diplomatico, um magnifico discurso, bordando o proprio thema do ressurgimento mexicano em palavras de um equilibrado senso politico. Respondeu-lhe o embaixador do Brazil, decano do corpo diplomatico, que traçou em rapidas palavras o perfil moral e intelectual do presidente Obregon. Traduzimos um periodo do discurso, por nos parecer interessante:

«Vamos transmitir aos nossos governos e aos nossos povos, excelentissimo senhor, a nossa opinião e a nossa admiração pelo mexicano eminente, pelo patriota desprendido que, por duas vezes seguidas, não vacilou em abandonar a sua vida e o socego de agricultor feliz, a tranquilidade amorosa do seu lar, trocando com a maior abnegação o arado pela espada, para vir transformado de cidadão pacifico em soldado vitorioso, e lutar na incerteza dos campos de batalha pelo bem da patria, pela instabilidade do governo e pela segurança da Republica».

O Mexico propõe-se viver um largo periodo da sua historia, divorciado de contendas politicas e militares. O presidente Obregón, conscio da sua alta missão, não arredará um passo do caminho que conduz ao ressurgimento.

Ruben Dario

O *Ayuntamiento* de Madrid aprovou a iniciativa de um dos seus vereadores para que Ruben Dario, o poeta maximo da lingua espanhola, tenha uma praça com o seu nome na capital da Espanha. A *glorieta del Cisne*, um recanto de Madrid, que ainda conserva um sabor romantico que se casa admiravelmente com a alma do poeta, já tem o nome de Ruben Dario a partir de ontem. A ceremonia foi extraordinariamente concorrida, tendo assistido muitos intelectuais e admiradores do grande cinzelador do verso que se chamou Ruben Dario. A Academia Espanhola da Lingua fez-se representar por alguns dos seus membros mais ilustres.

TEATRO CHIADO TERRASSE

Companhia LUZ VELOSO

Estando quasi completa a assignatura para as primeiras representações, a empresa resolveu abrir nova *assinatura* para as 7 primeiras

Receitas Elegantes

que se realisam ás terças-feiras com os seguintes originais portugueses em 1 acto: Na 1.ª—**A Prima Rosa quer casar**, farça de D. Maria Isabel Sousa Martins. Na 2.ª—**Nove d'Abril**, de D. Tereza Leitão de Barros, 1.º premio do concurso da *Capital*. Na 3.ª—**Corpo e alma**, de Alfredo Gameiro, 2.º premio. Na 4.ª—**O Degredado**, de Antonio Pinto de Almeida, 3.º premio. Na 5.ª—**Alma antiga**, de D. Maria Fernanda de Castro, 4.º premio. Na 6.ª—**Noite perdida**, de Henrique Roldão. Na 7.ª—Uma peça classica.

As peças serão precedidas de pequenas palestras e os espectaculos completados por peças de reportorio ou por partes de concerto.

A abertura do teatro realisa-se brevemente com a peça italiana **Mario e Maria**.

Bilhetes á venda para as primeiras representações.

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

TEATRO AVENIDA

A OPERETA

FLORES DA NOITE

Colossal successo da Companhia

SATANELA-AMARANTE

A's 9 e 1/4

HOTEIS DE PORTUGAL

LISBOA NÃO TEM UM HOTEL QUE POSSA MERECER AS HONRAS DE UMA CITAÇÃO

O que ha lá fóra comparado com a miseria que existe entre nós—Sem hoteis não ha turismo possivel

Para que um paiz como Portugal possa aspirar um dia ao orgulho de abrir seus braços, franca e fraternalmente, aos «touristes» que de todo o mundo aqui virão deixar o seu ouro, não basta, apesar de sobre tal assunto ter escrito bastante, que as estradas sejam boas. E' seu natural complemento os bons hoteis, porque não só de vistas se vive.

Depois de um dia com emoções violentas, olhando e admirando diversos panoramas, sabe bem o conforto tepido e que este se case com a comodidade de um bom quarto.

Ainda neste ponto, dando as mãos ao criminoso desleixo do Estado, Portugal se afasta do convivio do mundo, procurando não perder os foros de uma nação cujo atraso se palpa na maioria dos seus factores, um dos quais e de capital importancia apontarei os hoteis.

Em Portugal não há hoteis!

E' uma afirmativa assás violenta?

Mas é, sobretudo, uma verdade!

O que para aí se encontra, desde Trás os-Montes ao Algarve, não merece — para honra nossa — essa categoria, embora seja de justiça afirmar que se destacam edificios — como o Bussaco, Vidago, Santa Luzia, Salus, Grande Hotel do Porto, Pedras Salgadas, para só citar os principais — em condições de equiparação ao que de moderno se procure.

Deixemos que a pavorosa ignorancia dos seus proprietarios, homens que fizeram da ganancia ganha-pão e da incuria arrimo para encobrir maselas, tenham essa impressão.

Nós, homens viajados, que conhecemos a propriedade da palavra *Hotel*, devemos gritar-lhes bem alto que eles mentem.

Em Lisboa, cidade visitada por milhares de individualidades de todas as categorias, muitas bem autorizadas a formular opinião, não tem *um só* que possa merecer as honras de uma citação. E, no entanto, ela possue tambem edificios com exterioridade indicativa de alguma coisa sumptuosa, que no interior atraiçôa...

A escala decrescente da categoria hoteleira lisbonense desce, desce vertiginosamente, sem que possamos e saibamos opôr-lhe um dique.

Mas estão sempre cheios esses *hoteis*, grita-me aqui ao lado uma voz invisivel!

Sim, é facto. Os *hoteis* em Lisboa lutam com falta de quartos, de limpeza, de comodidade e de... vergonha. Quem desconhece o que seja um hotel moderno, não pode, é claro, apreciar a triste decadencia de todos os nossos hoteleiros e aceita como ouro de lei esse pechisbeque sordido e inqualificavel que se apresenta na capital da nação, com insofismaveis direitos a arruinar a saude e a bolsa de quem lhes utiliza prestimos.

Os que, em contrario, viajaram, viram, apreciaram e sobre o assunto têm opinião definida, não podem, sem uma permanente revolta, encarar a serio essa criminosa indiferença nacional, que leva ao mutismo ou á consagração de uma imundicie que nos deshonra perante a civilização.

Que os haja assim sordidos, sem higiene e conforto, para quem conhece dessas palavras apenas as letras, justifica-se — sem desculpa — mas que Lisboa e Portugal — e já depois da guerra se completaram edificios a esse *metier* destinados — não tenha um hotel bom, confortavel, moderno, brada aos ceus, se ceus existem e lá chegam algumas destas palavras de protesto.

Entre muitos hoteis, bons, limpos, higienicos, confortaveis, com melhoramentos modernos, que encontrei nessa volta meio mundial, realizada num mês quasi final de ano, que o tempo escondeu já, é de justiça destacar como principais, mas já vulgarizados, o Palace e o Ritz de Madrid e o Metropole de Marselha. Com edificios construidos propositadamente para o fim em vista, o viajante encontra ali, a par da maior comodidade, um cuidadoso metodo, que o leva a sentir saudades quando os deixa.

E, equiparando preços á paridade cambial — e nem outra serve para estabelecer confronto! — são iguais senão inferiores aos de Lisboa. O Palace ainda há pouco me levou 36 e 45 pesetas diarias por um belo quarto, amplo, duas camas, todo o conforto possivel, incluindo magnifica casa de banho onde este poderia ser tomado a toda a hora e quantas vezes se desejasse; em Lisboa, esta semana, paguei 20$00 por uma noite num dos que rodeiam o Rossio, sem comodidade alguma, antiquado nos moveis, na higiene e até na... urbanidade.

E emquanto no Palace as minudencias são propositadamente colocadas ao alcance do viajante, como o telefone com ligação para toda a rede, neste, de Lisboa, faltam os mais rudimentares elementos para se poder dar por bem empregada a hora em que obrigatoriamente por lá nos quedamos.

E' absolutamente preciso que as entidades competentes olhem para este estado vergonhoso em que nos debatemos perante o estrangeiro e perante as nossas proprias consciencias de homens modernos!

A Sociedade de Propaganda de Portugal tem procurado levar melhor visão á ignorancia dessa gente que avilta o nosso nome de portugueses hospitaleiros, sem comtudo tirar resultados.

Vêem-se os seus *placards* de «hotel recomendado» com o fim de estimular vontades, por muita parte, sem que os atingidos tenham por esse distintivo a menor consideração.

Não podemos apenas pedir ao Estado que modifique os seus processos de malbaratar o dinheiro, deixando as estradas na situação abandonada que vimos patenteando.

E' indispensavel que tenhamos hoteis. Aqui e na provincia.

Sem eles, o turismo será uma vã palavra, furtando o direito de a escrevermos, porque fazê-lo implica deveres que não queremos, não podemos, ou não sabemos cumprir. — *Alvaro Netto.*

COLEGIO CALIPOLENSE

Rua Eduardo Coelho, 108 — Lisboa (á Praça do Rio de Janeiro) Telefone C. 4:199

Este antigo colegio recebe alunos internos, semi-internos e externos, a partir dos 6 anos de idade, aos quais dá uma completa e esmerada educação infantil. Ministra **Instrução Primaria, Curso Comercial** completo, **Curso dos Liceus,** conforme os programas oficiais, e **Curso de Explicações** para os alunos matriculados no liceu. Todas as aulas reabrem no dia 10 de outubro.

O director e proprietario

FERNANDES AGUDO.

Fonsecas, Santos & Vianna

BANQUEIROS

ESTABELECIDOS EM 1861

Rua do Comercio, 116 a 132

Telegramas: SANVISE-LISBOA

Notas Mundanas

Uma festa na Praia da Rocha

Realizou-se na Vila Nossa Senhora das Dores, na Praia da Rocha, propriedade do sr. Antonio Judice Magalhães Barros, para solenizar o aniversario natalicio de sua esposa, a sr.ª D. Maria da Gloria Judice Magalhães Barros, um esplendido sarau, o qual decorreu com a maior animação e com excepcional brilhantismo, tendo assistido á encantadora festa não só quasi toda a colonia balnear, como ainda muitas pessoas e diversas familias das terras vizinhas.

Sabendo-se com que requintes de amabilidade o sr. Antonio Magalhães Barros e sua esposa costumam acolher todos os que uma vez têm a honra de receber a sua hospitalidade, facil será fazer uma ideia da fidalguia com que foram recebidos todos os que tiveram a felicidade de ser convidados para a magnifica festa.

O programa foi organizado com o maior cuidado e com um requintado gosto artistico, tanto no que respeita á parte dramatica como á parte musical, tomando parte na primeira algumas das mais distintas senhoras da colonia balnear e encarregando-se da segunda excelentes «virtuoses» da musica, que imprimiram aos trechos escolhidos optima interpretação.

Os salões da Vila Nossa Senhora das Dores apresentavam um aspecto deslumbrante, tendo sido servida, depois do sarau e antes do baile, que se prolongou até depois das 7 horas da manhã, uma finissima ceia, na qual foram servidos os mais finos e classicos doces do Algarve.

O sarau abriu com uma conferencia sobre a mulher algarvia e sobre os atractivos do Algarve, pelo prior de Budens, rev. José Antonio Monteiro. O distintissimo orador prendeu, durante alguns minutos, com rara eloquencia, o selectissimo auditorio.

Entre a assistencia numerosissima de centenares de pessoas, apenas conseguimos tomar nota das seguintes:

Alem dos donos da casa e suas formosas filhas, as ex.mas sr.as: D. Clementina Rosa Judice, D. Ana de Bivar Cumano, D. Maria Francisca de Bivar, condessa do Cabo de Santa Maria, D. Dilara de Campos Magalhães Barros e filhos, D. Adelaide Bramão, D. Maria Olimpia Padua Franco, D. Carolina Miguens Mendes, D. Maria Augusta Maravilhas, D. Francisca de Almeida Bivar, D. Laura de Brito Bivar, D. Emilia de Brito Pavão Lial e filhas, D. Amelia Salter Belmarço, D. Carolina Ramos Mendes, D. Marina Fialho Calado, D. Laura Centeno Castanho e filha, D. Teodonisa Figueiredo e filhas, D. Cristina Furtado Guerreiro, D. Constança Taveira Barreto, D. Maria Tereza Garcia Reis Moreira, D. Ana Pinheiro Garcia Reis Moreira, D. Elvira Nogueira Mascarenhas, D. Ana Mauricio Judice de Abreu, D. Carolina Maravilhas Marrecas, D. Mariana Avelar Pacheco, D. Ana Fernandes Maravilhas, D. Maria da Gloria Azevedo, D. Ofelia Rosario Bivar Vasconcelos, D. Maria Aurelia Gonçalo Carvalho, D. Antonia Uva Cançado, D. Carmo Belmarço de Carvalho, D. Tereza Cunha, D. Corina Freire Vieira, D. Barbara Garcia, D. Leonor Marenhas Judice de Oliveira, D. Joaquina Neves, D. Maria Vitoria Dentinho, D. Izabel Cardoso, D. Maria Deolinda Estacio da Veiga, D. Mariana Cabeçadas, D. Maria Feliciana Judice Parreira, D. Maria Emilia Magalhães Barros, D. Piedade Judice Abreu, D. Maria Firmina Judice Abreu, D. Maria Francisca Inglês, D. Maria Lapa Cardoso, D. Clelia Rosario, D. Judite Freire, D. Albertina Freire, D. Maria la Guita, D. Albertina Cunha, D. Maria Carlota Bivar Moreira, D. Gulomar Paiva de Andrada, D. Helena Paiva de Andrada, D. Viteria Aboim de Barros, D. Ilda Cançado, D. Maria Tereza Fonseca, D. Rosa Mendes Quadros, D. Barbara Monteiro, D. Mariana Cabrita Grade dos Santos, D. Julia Moreira, D. Maria Josefa Castel-Branco Ramos, D. Maria José de Azevedo, D. Ana Fernandes, D. Maria da Conceição Grade dos Santos, D. Maria Amelia Grade dos Santos, D. Marieta Castel Branco Ramos, D. Barbara Amado, madame Estacio da Veiga, mesdemoiselles Sampaio e Melo (Cabo de Santa Maria), D. Maria Mafalda Camilo, D. Antonia Monteiro, etc., etc., etc.

Francisco de Bivar Welnhaltz, dr. Alfredo de Magalhães Barros, Constantino Cumano, conde de Silves, dr. Alberto de Magalhães Barros e filhos, Adelino Mendes e filho, D. Alberto Bramão, dr. Justino Bivar, José Alexandre da Fonseca e filhos, major Jorge Moreira, prior José Antonio Monteiro, prior Joaquim Antonio Vieira, Henrique de Bivar Vasconcelos e familia, Basilio Grade Calado, dr. José Pacheco, Antonio Bossa, dr. João Grade dos Santos e familia, Domingos Judice Guerreiro, dr. José Ribeiro Castanho, Candido Marrecas, comendador João Martins Formosinho, João Grade dos Santos e familia, Frederico da Paz Mendes, Henrique Cançado, dr. Pavão Leal, Jacinto Parreira, José Pearce de Azevedo, capitão Eduardo de Carvalho e sogros, Vital Belmarço, dr. Arnaldo Mendonça, major Artur Moreira, Augusto Maravilhas, dr. Frederico Mendes, Cortes Ferreira de Sousa, coronel Antonio Leote Tavares, esposa e filho, Raul Lampreia, Armando Grade dos Santos, dr. José Cortes de Menezes, alferes Leote Tavares, dr. José Antonio Dentinho junior, Zeferino de Abreu, alferes Filipe de Barros, Frederico Moreira Velho da Costa, João Monteiro Mascarenhas, José Judice de Oliveira, Alberto de Azevedo, Augusto Barreto, José de Azevedo, José de Magalhães Barros, Antonio Buisel, Armando Rosario e esposa, Luiz Vieira, dr. Sebastião Trindade Pinto, D. Adolfo Torralba Castiné, alferes Antonio Lur, arquitecto Torralba e esposa, Joaquim Cardoso Junior, Henrique de Bivar Cumano, Rui de Bivar Cumano, Joaquim Fernandes, Eugenio Grade dos Santos, Joaquim Carlos Vieira, Alberto da Paz Mendes, Francisco Grade Calado, Joaquim Marques Ferreira, Pereira de Carvalho, Alvaro de Lemos, José Alexandre da Fonseca Junior, Blasquez, Sampaio e Melo, etc.

Em Coimbra

Hospedes do brilhante escritor e advogado o nosso querido amigo sr. dr. José de Arruela e de sua esposa, encontram-se na quinta da Boa Vista, em Coimbra, a sr.ª condessa da Foz, sua irmã, a sr.ª D. Maria de Melo Assis de Mascarenhas (Murça) e seus filhos Tristão, Joaquim, Gil e Eduardo, encontrando-se igualmente ali hospedados o presidente da Camara Portuguesa de Comercio no Rio de Janeiro, sr. Gomes Barbosa e sua gentilissima esposa, madame Emerat Gomes Barbosa; são ali esperados brevemente os srs. marqueses de Castelo Melhor, suas gentis filhas D. Helena e D. Maria, sua prima D. Helena Teles da Silva (Souto de El-Rei), a sr.ª D. Ana de Mendonça Pombal, o sr. Bento Pombal, D. Silvia Belfort Ramos, o sr. Mario Belfort Ramos e o sr. conde do Paço do Lumiar.

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

D. Maria Antonia Tedeschi Placido, D. Maria Francisca de Cabedo e Vasconcelos Garcia, D. Ana de Saldanha Lencastre de Sousa Menezes e D. Maria de Noronha de Paiva Noronha.

E os srs.:

Luiz de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), Luiz de Almeida Trigoso, José Eduardo de Carvalho Crato e maestro Albert Sarti.

UMA OPINIÃO FEMININA SOBRE TOUROS DE MORTE

TOURADAS Á PORTUGUESA

As esperas de touros e os moços de forcado — As "pegas" constituem uma escola de coragem

Tem-se discutido muito, nestes ultimos tempos, se haverá *touros de mote* em Portugal.

Não segui o assunto e por isso fiquei na duvida se *touros de morte* significava apenas a morte rapida e limpa do touro ou tambem a morte demorada, repugnante e cruel do cavalo e a morte possivel do homem que se encontra na frente dum boi furioso e desembolado.

Os touros nunca me causaram esse medo espavorido que sentem as senhoras da cidade á vista duma longinqua manada e até, muitas vezes, dum pacifico boi de carro.

Como ribatejana campesina, habituei-me a ver os touros no campo, em *ferras* e *marcações* de gado, a passar perto deles, na pastagem, a pé e a cavalo mesmo num vagaroso jumentinho. Não tentei nunca, porém quando tenho estado em Espanha, assistir a uma tourada.

Sabia, de certeza, que me falhava o coração e o estomago.

A adaptação da tourada espanhola em Portugal, parece-me deselegante e prejudicial. Se não se limitarem á morte do touro, suprimem as *cortezias* e a *lide* do cavaleiro, quer dizer uma escola de equitação artistica e a parte mais aparatosa da tourada portuguesa

Se se limitarem á morte do touro, suprimem as *pégas*, uma coisa brutal, é verdade mas, em que a coragem do nosso camponez tem ocasião de exercitar-se, vencendo o touro não só pela força, mas pela destreza.

Há dias assisti, no Ribatejo, a uma tourada em que os moços de forcado fizeram honra á raça. Musculosos e serenos, fortes e ageis, na *pega* de cara caiam entre as hastes do touro habilmente e sem hesitações, na *pega* de cernelha, ou de rabo, acompanhavam os saltos do animal, sem largar a presa, com mãos de ferro e corpo flexivel.

Seria pena tirar-lhes essa escola de coragem e substituir-la por outra de crueldade, desnecessaria nos tempos presentes, em que se matam homens pelas ruas.

E depois, matar o touro, para quê?

Para apreciarmos a habilidade dos toureiros espanhois bastam os *passes de capote* e a morte simulada.

Matar um animal lindo, forte, capaz ainda de prestar tantos serviços e cuja carne é pessima para comer?...

Para quê?

Bem sei que o atormentam com as farpas, mas ainda assim é um tormento tão relativo!

E qual é o animal e até mesmo a criatura humana que não é tormentada em favor das diversões ou necessidades alheias?

As nossas touradas já são bastante pitorescas, com as suas *esperas* de touros, com os seus campinos tipicos, com os seus cavaleiros á Marialva, com os seus forcados robustos.

As *esperas* de touros nas Caldas da Rainha eram (não sei se ainda são, porque não as vejo há alguns anos) um espectaculo lindo. A disposição admiravel das estradas, os numerosos campinos, cavaleiros, amazonas, carros desde o *mail-coach* até á *charrette*, que acompanhavam o gado, no seu galope de carga, formavam um cortejo brilhante, variado, digno de ver-se e de que decerto qualquer estrangeiro guardaria uma agradavel recordação.

As *esperas* de touros, no Ribatejo, são ainda hoje, cheias de animação e chamam ás portas, ás janelas, ás estradas, toda a população, que se diverte e grita e muitas vezes chega a espantar os touros.

E a tourada continua a ser, sobretudo no campo, o divertimento favorito, caracteristico, cheio de côr e de vida.

E raro é, felizmente, que um caso de morte lhes perturbe a alegria.

Conservemos, pois as nossas touradas como elas são, e como estamos habituados a ve-las. Estabeleceu-se este uso há muito.

Para quê modifica-lo, estraga-lo, quando vemos que tudo, desde o Rossio até á politica, tem sido mudado para pior?

MARIA DE CARVALHO

RIMAS D'AMOR E DA PRIMAVERA

DO LIVRO "MAGNOLIA"

DE ALEXANDRE DE CÓRDOVA

Junto dos lagos azues

Magnólia, a filha d'algo, tem brazões,
E o orgulho inacessivel das duquesas,
Traz nas mãos liriais constelações
D'esmeraldas, d'opálas e torquezas.

Corôa a frente, assim como as princesas
De perolas iguais a corações.
Vive no seu Palacio das Tristesas,
Nos seus jardins reais entre pavões.

E quando o sol se arrasta nos paúes,
A' margem dos seus lagos verde-azues
Num solo de giranios e de amoras...

Põe-se a adorar a heraldica figura
De esbelto pagem, duma iluminura
Que vem na capa do seu «Livro d'Horas».

A historia da loira princeza

A sua velha Aia anda a cantar
Umas cantigas de matar a gente!
—Loira princeza que morreu d'amar
Um jovem rei d'Alem do Sol-Poente.

A longes terras fôra batalhar,
De lança em riste e doce olhar clemente...
Vira o partir pra nunca mais voltar...
Num corcel branco, esporas d'oiro ardente...

Do muito que chorou suas pupilas
Ficaram baças... Palpebras tranquilas...
—E loira, e nova, assim ficou ceguinha!

Não vendo nada, um dia veiu o mar
Levou-a!...—Aia, faze-la chorar
Co'a triste historia dessa Princezinha.

Neves & Cruz
Importadores e Exportadores directos
SÉDE
Rua Ivens, 53
CONSERVAS E VINHOS
Filial em Anvers
RUE DES FORTIFICATIONS, 69, 1.º
Agentes no Congo Belga, Loanda e Benguela
(Produtos africanistas)

ELECTRICIDADE PORTATIL
Luzes de bolso!!!

Lampadas de algibeira, bastões, tarches, lanternas para trazer na mão, pilhas, baterias.
EFEITO SURPREENDENTE!
Descontos aos revendedores
Remete-se para a provincia
CASA TRIUNFO
R. Augusta, 72. 74
LISBOA

Grande venda mensal
SAPATARIA CONTENTE L.DA
Rua do Carmo, 74
Sapatos desde 10$ até 30$ — Meias de seda a 4$, 6$ e 7$50
Grande abatimento em todo o estock, para dar entrada a 2:000 pares de calçado nos ultimos modelos e fôrmas da melhor marca
ATLAS
O MELHOR CALÇADO
Variados modelos para a estação de inverno
Calçado de abafo em todos os tamanhos e modelos

LISBOA
Hotel Internacional
O melhor tratamento
O menor preço
BANHOS
Almoços e Jantares
O Hotel Internacional tem automovel á chegada dos comboios e vapores.
TELEGRAMAS HOTEL
Sociedade Luzitana dos Hoteis, L.da
Gerente: LINO MARTINS COELHO
ROCIO — ESQUINA DA RUA AUGUSTA

Grande Café de Italia
DÉJEUNERS
A PRIX FIXE ET A' LA CARTE
Esmerado serviço de chá, chocolate e torradas
Rua 1.º de Dezembro
"Diario de Lisboa"
Vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

O Enigma da Vida

Venho á janela do meu quarto e ponho-me a decifrar o misterio da noite, que é o grande misterio da existencia. Chega até mim o vago rumor distante dos que se divertem, dos que riem, dos que choram, dos que lutam, dos que sofrem, de todos que arrastam pela Vida o manto côr da noite do sacrificio de viver. E não vejo e não consigo adivinhar o grande Enigma que está em toda a parte, nas fôlhas das arvores, na agua das fontes, nas lucilações das estrelas, nos segredos do pensamento, nos beijos dos namorados. Vai-se tornando cada vez mais densa a misteriosa patine que envolve a cidade toda; desmaia o som e anda uma estrela no zenith a noivar a lua. As arvores são ciprestes e o luar vai alastrando como uma toalha alva de neve — uma toalha do mais puro linho tecida pelos dedos virginais dalguma noiva para o grande festim da Natureza. E concentra-se mais o pensamento nesta branda quietação que anda á superficie da terra. Olho para dentro de mim e o meu espirito continua mudo á interrogação que os olhos d'alma lhe fizeram. Se os homens inventaram as palavras para dizer o som, a luz, a côr, o pensamento humano, o vôo duma aza e o murmurio de um beijo — porque não há de haver, bom Deus, uma palavra que traduza como a corda de um violino o estado de alma mais fugidio e a duvida mais cruel que nos atravessa o espirito! Pois é tão imperfeita a nossa linguagem — obra prima do genio humano sobre a qual pesam milhares e milhares de seculos — que não tem ainda uma palavra, uma só, para dizer toda a grandeza do Misterio da Vida e todo o misterio da Grandeza sobre que o meu espirito e o teu, leitora gentil, em vão se interrogam. Há, sim, há uma palavra que diz tudo, uma palavra que só por si traduz todas as modalidades da alma e todos os segredos da natureza. Mas não basta ter a condição humana para pronunciar essa palavra. Não podem dizê-la os labios profanos. Pois se nem as figuras misticas dos ascetas — que viviam no deserto em santidade — se atreviam a pronunciá-la, como havemos de nós, simples mortais, macular seu nome — soletrando as quatro letras que em si encerram toda o Enigma da Vida...

NORBERTO LOPES

NO PAIOL DE CAVALARIA 4

A explosão de polvora em Alcobaça

A opinião do agente encarregado das averiguações

Regressou hoje de manhã de Alcobaça o agente sr. Santos Tavares, da P. S. E., que há dias ali se encontrava tratando das investigações ácerca da explosão do paiol do regimento de cavalaria 4, ali aquartelado.

Aquele agente é de opinião que houve crime da parte do alferes sr. Coelho da Costa, que, no entanto, tem negado sempre a acusação que lhe é feita.

Confessou apenas que sendo encarregado do deposito da polvora do referido paiol, ali praticara um desfalque na importancia de 9.500 escudos e não de 7.500, como um jornal da manhã de hoje noticiou.

O alferes Coelho da Costa esteve até ontem de manhã incomunicavel, sendo á tarde entregue ás autoridades militares.

OS ARTISTAS DO TEATRO ALMEIDA GARRETT

O ACTOR RAFAEL MARQUES

DEZESEIS ANOS DE TEATRO, UM CURSO DE ENGENHARIA E UM CONSELHO DE HENRIQUE ALVES

O "DIARIO DE LISBOA" CONVERSA COM O ILUSTRE ACTOR

Rafael Marques daria uma explendida entrevista de teatro, se aquele «D. Afonso VI», ainda em ensaios, o não reclamasse persistentemente de cinco em cinco minutos.

E' muito franco, muito expressivo, não coloca na frase reticencias e, quando tem uma opinião, marca-a com desassombro. Esta, por exemplo:

— Carlos Santos é um belo ensaiador,

Rafael Marque

mas um péssimo actor. Em Portugal não existe ninguem que saiba tanto de teatro como ele...

Estas palavras bastam para se conhecer fotograficamente o seu espirito.

Rafael Marques lê, á tarde, três jornais, sendo um deles o «Diario de Lisboa»; fuma bastante e tem uma boquilha irmã-gemea duma outra que Erico Braga usa em scena.

E, apresentado o actor em três traços esquissados ao de leve, ele proprio apresenta a sua vida. Mas, antes, uma frase nossa:

— Não passou pela Escola de Arte de Representar?...

— Nunca..., felizmente. Não é porque eu não tenha consideração...

— Sabemos...

— Fui de cavalaria... Depois, entrei para o teatro. Já lá vão dezaseis anos! Tive três mestres: os Rosas e... (falha a memoria do jornalista). Porque não nasci talento, revelação, como agora é de uso... Fui um actor, como se costuma dizer em teatro, «tudista». Fiz de tudo...

O carão moreno de Rafael Marques, onde uns olhos saltitam inquietos, vivos, abre-se num grande sorriso.

— Depois abandonei o teatro e fui de longada até á Belgica, tirar um curso...

— Que curso?

— Engenheiro.

— Sr. engenheiro!

— Não, falta-me um exame. Em Paris encontrei o Henrique Alves, que me arrepelou a paciencia com conselhos. «Volta, volta» — dizia-me ele.

— E o Rafael voltou e aqui está a conversar comnosco, no seu camarim, sobre teatro... Vamos, Rafael, as suas predilecções artisticas?

— Olhe: não gosto de fazer «galans» «pinga-amor», daqueles «galans» que choram, que beijam as duquesas por detrás do biombo e dizem sonetos. Isso, não!

— Questão de feitio...

— Figuras masculas que se adquem ao meu temperamento, á minha maneira...

— E nós que julgavamos encontrar um Rafael Marques romantico, apaixonado, sentimentalão, vamos! Porque saiu da companhia de Palmira Bastos?

— Estamos em conversa particular, não?

— Pelo contrario, muito publica, janelas abertas sobre o Rocio, tal qual como essa que aí vê — dissémos, apontando para uma.

— Então... Eu e Palmira Bastos eramos incompativeis... Questões de teatro.

Puzemos a conversa no seu ponto principal.

— Como estuda os papeis?

— Leio-os primeiro; depois, decoro-os e busco as inflexões.

— Nos ensaios dá tudo? Sabe que há actores que se reservam para a «première»?

— Arcas encouradas, não! Já me dizia Augusto Rosa que nunca o fizesse.

— Agora uma anecdota.

— Quando me estreei ali, no D. Amelia, logo ao entrar em scena dei um horrivel trambulhão. Vinha carregado de embrulhos; tinha que correr a scena e escamugir-me pela direita. Atirei a Adelina Abranches para uma cadeira e estatelei-me ao comprido, mesmo em frente do ponto.

— Nesse dia duvidou de si?

— Não. O publico dantes não me incomodava; agora, sim.

— Qual é a peça que gosta mais de representar?

— As fortes; as que se adquem ao meu feitio. Do «Martir do Calvario», gostei. Até me recordo dumas cartinhas apaixonadas duma senhora muito religiosa que recebia todos os dias.

— Temos, então, uma aventura?

— Não é por gabarolice, não é, juro. Mas se soubesse as coisas que me têm sucedido nesse capitulo!?

— E a senhora religiosa?

— O quê? Já não me lembrava, desculpe. Quando a quiz conhecer, escreveu-me dizendo que teria uma grande desilusão...

Uma voz do palco:

— O' Rafael, olha o ensaio.

— Um minuto! Emfim, aventuras dum rapaz que viajou muito e que viu muito.

Preguntámos ainda:

— Além de Augusto Rosa, quem é que o Rafael Marques admira?

Hesitou. Depois lá se abriu:

— Dei-me sempre bem. Aqui, o Inácio Peixoto, de quem todos diziam muito mal; o Brazão; a Adelina Abranches, grande artista... que não sabe ensaiar...

— O Teatro Nacional tem-lhe dado nome. Já sei que você se vai queixar, todos se queixam... E' o fado da casa:

— Ao principio, quizeram amachucar-me um pouco. Há três épocas, porém, que já faço papeis...

Outra vez a voz do palco:

— O' Rafael, então?

E Rafael Marques cumprimenta-nos a fugir, desce a escada do camarim e entra no palco.

Ouve-se a voz de José Ricardo, um pouco fanhosa, dando a entrada...

A. P.

MALAS POSTAIS

Pelo «Aguila» são ámanhã expedidas malas postais para a Madeira, Las Palmas e Africa Oriental, via Madeira, sendo ás 13 horas a ultima tiragem da caixa geral e fechando os registos ás onze.

HOMENS DE LETRAS

Ácerca de literatura

fala-nos o sr. dr. Eduardo Pimenta, escritor regionalista de reconhecido merecimento

Poetas e prosadores

Ouvir um literato sobre literatura é sempre interessante, e esse interesse maior se torna, quando é possivel colher opiniões relativas aos oficiais desse ofício. Um encontro com o sr. dr. Eduardo Pimenta, autor de obras regionalistas, que, como as «Horas Mortas» e a «Ansia de viver», tão acentuadamente marcaram a sua indivdualidade, permitiu-nos corporizar tal conceito.

— Senhor doutor, que pensa das recentes produções literarias?

— O que penso? Falando das obras que maior agrado me mereceram, citar-lhe-hei as de Aquilino Ribeiro, um dos nossos melhores escritores regionalistas. Há, ainda, e essa tem outra filiação de escola, a «Catedral», de Manuel Ribeiro. Esse volume constitue uma alta manifestação de misticismo artistico-religioso e revela, da parte do autor, largos conhecimentos de arquitectura sacra e de liturgia. Deixe dizer que me interessou mais que as outras duas Catedrais, as de Blasco Ibañez e Huyssemans. Manuel Ribeiro dá, justamente, uma grande importancia ao canto gregoriano, fazendo resaltar as suas maravilhosas belezas; procede, assim, de forma contraria a Ibañez, que o considera monotono... E, falando de prosadores, citarei ainda «Pedro, o Cru», de Antonio Patricio, que bem pode ser considerado a maior tragedia de saudade que, na lingua portuguesa, se tem escrito.

— E os poetas? Que pensa?

— Os poetas? Mas interessam-me todos, quasi todos. Portugal é um paiz expressamente talhado para produzir versejadores. Especializando, lembrarei quatro nomes: Antonio Correia de Oliveira, Antonio Sardinha, Augusto Gil e Jaime Cortezão. O primeiro, está fazendo de forma admiravel a epopeia moderna; o segundo, Sardinha, em todas as suas produções grava um forte sabor a romanceiro, a trova popular... Os dois ultimos, tornam-se notaveis pelo seu lirismo excepcionalmente emotivo, sentimental...

— Dos autores consagrados, qual lhe agrada mais?

— Julio Dantas, indiscutivelmente. Todas as suas peças em um acto são deliciosas. E os trabalhos de investigação literaria do seculo XVIII, que tem realizado, valem o que pesam.

— Teatro?

— O genero com que mais simpatizo, não é assim? O teatro regionalista, Carlos Selvagem...

A conversa tornou-se mais intima. O nosso entrevistado, depois de falar dos outros, falou-nos de si, de um livro que tem em preparação. Intitular-se-há «D'aquem e d'alem». O que é? Contos do Alentejo e contos de Africa. A vida do rural alentejano e a do negro, as suas diferenciações de psicologia e de religião serão nesse livro claramente desenvolvidas no estilo vigoroso, cheio de colorido, que caracteriza as produções do sr. dr. Eduardo Pimenta.

Uma ultima pregunta. A pregunta destinada a fechar a entrevista: — Que espera da literatura moderna?

— O regresso aos moldes genuinamente nacionais, seguindo-se a tradição medieval portuguesa e fugindo-se ao classicismo. Isto é, espero que venha a constituir-se uma literatura bem nossa!...

Atrazo da hora

Em harmonia com as disposições da hora legal, é ámanhã á meia noite que os relogios se atrazam uma hora.

A CIDADE

NO TEATRO S. LUIS

"Marido provisorio"

opereta em três actos de Carlo Lombardi, versão de Mario Duarte e Xavier de Magalhães

Musica de A. Bossi

Se não estamos em erro, o *Marido Provisorio* foi representado no Porto, pela primeira vez e com um sucesso que ninguem se atreveu a chamar extraordinario. Agradou, mas sem entusiasmo.

Mutatis mutandis, em Lisboa aconteceu o mesmo. Não se pode dizer que, ontem, o S. Luiz delirasse com a opereta de Lombardi. Os aplausos foram comedidos, posto que o publico não tivesse muitos elementos irrequietos.

Auzenda de Oliveira cantou bem, desenhou com elegancia o seu papel, foi futil e ligeira, curiosa e inocente, como convinha. A sua figurá é daquelas que a simpatia das plateias acolhe com carinho, animando-a, afagando-a com muitas palmas.

Porque não teve no *Marido Provisorio* o sucesso a que as suas reais qualidades, o seu encanto scenico, tinham direito?

Não andaremos longe da verdade, se afirmarmos que ela foi vitima da mesquinha atmosfera em que tinha de evolucionar a personagem de Bengalina que encarnou com um senso que nem sempre excluiu a poesia.

Peças como o *Marido Provisorio*, que pretendem evocar o oriente e o relevo forte do seu pitoresco, o exotico dos seus costumes e o maravilhoso da sua alma sedutora, exigem um scenario deslumbrante—qualquer coisa como um eden de luz, côr, movimento e vida que coloque á realidade em plano inferior á fulgurante miragem evocada. Sob este ponto de vista, a não ser algum patego que desconheça os prodigios da cenografia moderna, o *Marido Provisorio* deixa muito a desejar—e isto sem querermos pôr em duvida a competencia dos artistas que o *ilustraram*.

As massas corais pareceram-nos deficientes não só em qualidade como em quantidade, pois que, num verdadeiro teatro de opereta, capaz de um amplo desenvolvimento de córos e bailados, seriam superiormente, afinadas e decuplicadas em numero.

Pelo que respeita á anedota que pretende coontar-nos a peça de Carlo Lombardi, o espectador fica com a impressão de que esta não marcha, perdendo-se na boca dos narradores, sufocada pela musica que, a despeito de inspirada, frequentemente fóra do genero, opereta para querer subir mais alto. Fernando Pereira venceu com arte as dificuldades do seus papel. Vasco Sant'Ana, no papel de Budubu, cometeu certos exageros dispensaveis.

Tambem se não admite que, num meio musulmano, e na scena das falsas nupcias do segundo acto, ele solte exclamações deste teor:—«Valha-me Nossa Senhora!»—Nunca um crente da religião de Mahomet perderia a cabeça, a ponto de invocar por engano os seus protetores celestes.

MINISTERIO DAS COLONIAS

Tamagnini Barbosa

Assumiu hoje o cargo de chefe de repartição do pessoal do ministerio das colonias, o sr. Tamagnini Barbosa que, como se sabe, ha dois anos se achava afastado do serviço por motivo de uma sindicancia, posse a que assistiu grande numero de pessoas, sendo aquele funcionario muito cumprimentado.

OS GRANDES MONUMENTOS DE HISTORIA NO LIVRO

PORTUGAL COLONIZADOR

APARECEU O PRIMEIRO FASCICULO DA FORMOSISSIMA E SENSACIONAL PUBLICAÇÃO

HISTORIA DA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA DO BRASIL

De reclame, não. De reclame não se trata. Seria afrontoso reclamar com as palavras banais que se emprestam a insignificancia das publicações do dia a dia um obra de envergadura editorial, e da formosa concepção grafica e intelectual, como é a «Historia da Colonização Portuguesa no Brasil».

Esta obra, cujos encargos ascenderão a 2.000 contos, e que se publica em português das melhores penas portuguesas, destina-se a solenisar o centenario da independencia brasileira, com a afirmação scientifica e irrespondivel da descoberta do Brasil e da colonização dessa terra americana pelo esforço e sacrificio dos portugueses. Homenagem ao Brasil e preito de justiça á verdade historica, esta obra excede, em maravilha, tudo o que se tem publicado graficamente em lingua portuguesa, e que dificilmente terá semelhança igualada no estrangeiro.

A publicação e ordenação é dirigida superiormente pelo elegante e vernaculo escritor português Carlos Malheiro Dias. A direcção artistica, que é scientificamente, em relação á historia, tudo o que pode existir de mais rigoroso, pertence ao aguarelista e desenhador ilustre que é Roque Gameiro. Os serviços complexos de cartografia dirige-os Ernesto de Vasconcelos, sabio e escritor notabilizado. E a colaboração, já do primeiro volume— e de todos, será preenchida por literatos e historiadores—é de Guerra Junqueiro, dr. Luciano Pereira da Silva, lente da Universidade de Coimbra, Lopes de Mendonça, Carlos Malheiro Dias, Dona Carolina de Micaëlis, dr. Duarte Leite, dr. Antonio Baião, etc.

As academias de Sciencia de Lisboa e Brasileira, acompanham oficialmente a publicação, que tem já, desde 1919, uma portaria de louvor do governo português.

Eis, em resumo, os caracteristicos da famosa obra, de que é agente de propaganda em Portugal o sr. Luiz Soares, do Porto, representado em Lisboa pelo nosso camarada Oldemiro Cesar.

A dedicatoria desta obra monumental, que graficamente é realizada no nosso paiz, é dirigida á Nação Brasileira. Subscreve-a o nome de Guerra Junqueiro, e julgamos interessante reproduzi-la em parte:

Da essencia ideal que imortalisou as nossas descobertas, e fez por um instante na historia do globo, dum punhado de martinheiros e de cavadores a maior patria do mundo, a eleita do Eterno, a encarnação heroica do Divino, três monumentos de beleza augusta nos ficaram: um retábulo, um templo, uma epopeia. Três Lusiadas: os de Nuno Gonçalves, os de Camões, os de Santa Maria de Belem. Criámos E'schylo e Prometheu, o redentor e o cantor, o heroi ovante, que liberta, e o genio irmão, que o traduz em musica. A musica da luz, a do marmore, a da palavra.

E ao mesmo tempo que geravamos as duas grandes epopeias equivalentes, uma na acção, outra no cantico, reproduzimos a patria maravilhosa que lhes deu alma, criando um novo Portugal, o do futuro, debaixo do novo ceu, no mundo novo. O Brazil é a eucaristia sagrada dos «Lusiadas».

Fizemo-lo á nossa imagem e semelhança, com torrentes de vida,—o nosso sangue, com um hino de aurora,—a nossa fé, com estrelas de dôr,—as nossas lagrimas.

Fizemo-lo com beijos e canções, lavrando, batalhando e rezando, de armas na mão, e de mãos postas.

Os homens e as patrias valem, pois, mais ou menos, conforme o seu grau de religião, quer dizer, o grau de fraternidade, o grau de amor.

Portugal é uma patria esplendida, porque é mãe divina do Condestavel, a mãe do Infante-descobridor, e do Infante-martir, de Nuno Gonçalves e de Fernão Lopes, de Bartolomeu Dias e de D. João II, de Gama e de Camões, de S. Francisco Xavier e de Alvares Cabral, de D. João de Castro e de Albuquerque, de Fernão de Magalhães e de Gil Vicente, de Soror Mariana e de Bernardim Ribeiro, de Miguel de Almada e de Pombal, de Fernandes Tomás e de Mousinho.

E, acima de tudo, ela é a mãe do Povo português, do povo de Aljubarrota, das Descobertas, de Montes Claros, do Bussaco, da Terceira, criador imortal de herois anónimos, e de santos plebeus e pobresinhos, que guardam ovelhas, semeiam serras, dormem nos eirados e falam com os anjos; do povo candido e cristão, amoroso, meigo, melancólico, impregnado de Deus e de natureza, e tam abismado em sonhos e saudades, que, deixando gemer a alma numa frauta, é o maior lirico do mundo, o maior poeta de Portugal.

Eis o povo que fez as terras de Santa Cruz, a PATRIA irmã.

O Brasil não chegou a ser uma colonia. Foi logo nação, foi logo patria: a nova Patria portuguesa, com novos herois e descobridores, com novos santos e novos Orpheus, novas enxadas e novas liras.

O Brasil em 1645 ergueu-se grande como Portugal em 1640, e a mesma fé que nos conduz á revolução em 20, o arrasta á independencia em 1822.

Abrazou-nos o mesmo ideal, ardemos na mesma chama. Fernandes Tomás e José Bonifacio, em vez de inimigos, eram irmãos. As nossas patrias desligaram-se, para melhor se casarem. Desuniram os corpos, para estreitarem as almas. Duplicando-se, quizeram-se mais. O amor cresceu em beleza, porque aumentou em liberdade. Vivendo tam livres e distantes, fraternisamos hoje como nunca. Na glória e no sonho, nos ais e nos beijos, no riso e na dôr. Amando-nos através das ondas vencemos o espaço. Amando-nos através da historia, vencemos o tempo que já foi. E, com a imortalidade do nosso amor, venceremos a morte, no porvir.

GUERRA JUNQUEIRO

Marinha de guerra

A proxima viagem de instrução dos guardas-marinhas ao Oriente

Os guardas-marinhas que estavam para ir na viagem de instrução, embarcaram nos cruzadores «Republica», «Carvalho Araujo» e «Vasco da Gama», indo nesses navios para o Oriente.

A crise do papel

Os industriais papeleiros avistam-se com o sr. ministro das finanças

Os representantes das fabricas de papel do país entregaram, hoje, ao sr. ministro das finanças, uma representação pedindo protecção pautal para a industria papeleira, que atravessa uma grande crise.

OS TEATROS

A proxima abertura do teatro de S. Carlos

Dentro de dias deve reaparecer no teatro de S. Carlos a companhia dramatica Rey Colaço-Robles Monteiro.

A sua «tournée» pela provincia e a forma como foi recebida pelo país a gentil actriz Amelia Rey Colaço, que pela primeira vez representou em palcos sem ser os de Lisboa, levam a ser esperada a inauguração da época de inverno com todo o interesse.

A peça de abertura é, como já dissémos, «Jerusalem!», de Georges Rivollet, arranjada para a scena portuguesa por Alfredo Cortês.

A companhia conta no seu reportorio os seguintes originais portugueses:

«A Ribeirinha», peça historica de João Correia de Oliveira e Francisco Lage; «O lôbo», de Alfredo Cortês; «Mademoiselle Blá», de Leopoldo Ferreira; «Entre Giestas» e «Ninho de Aguias», de Carlos Selvagem; «Os Seduttores», de Vasco de Mendonça Alves; «Os Velhos», de D. João da Camara; «Os Lobos», de João Correia de Oliveira e Francisco Lage; «Coimbra, terra de encantos» e o «Ultimo Senhor de S. Cilão», de Vicente Arnoso, e «Frei Luis de Sousa» de Almeida Garrett;

e as seguintes peças estrangeiras:

«Jerusalem!», de George Rivolle', arranjo para a scena portuguesa de Alfredo Cortês; «Regresso», de Robert Flers e Croisset, tradução de Lino Ferreira; «O Caduceo», do Barão de Rotchild, tradução de Avelino Almeida; «Fera Amansada», de William Shakespeare, tradução de Oliveira Ramos; «Casa da Boneca», de Henri Ibsen; «Casa em Ordem», de Artur Pinero, tradução de Eduardo Noronha; «Dama das Camelias», de Alexandre Dumas, tradução de Ruy Chaves; «O Segredo», de Henry Bernstein, tradução de Mario Alleu; «Hedda Gabler», de Henri Ibsen; «Romeu e Julieta», de William Shakespeare, adaptação de Julio Dantas; «O burro de Sirtidan», de Robert Flers e Caillavet, tradução de Acacio de Paiva; «Samsão», de Henri Bernstein, tradução de Eduardo Noronha; «Mona Vana», de Maeterlink; «A Mulher e o Fantoche», de Pierre Frondaie, tradução de Norberto de Araujo; «Marianela», dos Quicteros; «Sonho duma noite de Agosto», de Martinez Sierra; «Tio Milhões», Almas sem rumo», «Amanhecer», etc.

O elenco artistico da companhia é o seguinte:

Angela Pinto, Amelia Rey Colaço, Maria Judice da Costa, Justina de Magalhães, Antonia de Sousa, Ofelia Brochado, Constança Navarro, Fernanda de Sousa, Julia Silva, Judith Silva, Antonio Pinheiro, Henrique de Albuquerque, Robles Monteiro, Ernesto Rodrigues, Raul de Carvalho, Vital dos Santos, Tomé da Veiga, Octavio Bramão, Narciso Vaz, José Alves, Rui Metelo e José Miranda.

O ensaiador e director de scena é o professor Antonio Pinheiro; ponto, Antonio Gonçalves; contra-regra, Tomé da Veiga; aderecista, José Alves.

Atraz do reposteiro

A «troupe» infantil que se exibiu no teatro Avenida está-se ensaiando no Coliseu dos Recreios para fazer uma «tournée», pelo norte do país. A revista «O sonho do Manecas» será ampliada com um quadro novo.

—Na peça «Jerusalem!» em ensaios no teatro de S. Carlos estrear-se-há, interpretando o papel de "Ginette" uma netinha da actriz Angela Pinto, chamada Angela Pinto de Barros.

—O "elenco" do "Lisboa-Club" que brevemente, como ontem dissemos, vai inaugurar a epoca de inverno levando á scena a peça de Filipe Sarsone intitulada "A ventoinha", é o seguinte:

Amadoras: Adelaide Martins (debutante), Dina Tavares, Emilia Ferreira, Ester Pereira, Isabel de Almeida, Guilhermina de Almeida, Laura Vasconcelos, Maria Pinto (debutante); amadores: Artur Matos, Augusto Pires, Avelino Varela, Carlos Baptista, Fernando Moreira, Joaquim Pinto, José de Almeida, José de Albuquerque, José Castilho, Manuel dos Santos, Pedro Dias, Santos Braga, Silvino Pinto, Teixeira de Almeida; ensaiador, Augusto Pires; ponto e director de scena, Fernando Pereira; contra-regra, Guerreiro Martins; guarda-roupa, D. Antonia Silva; cabeleiras, Victor Manuel e electricista, João Gomes da Costa.

—O escritor teatral Avelino de Sousa escreveu um livro intitulado "De cara rapada" que brevemente vai ser posto á venda.

—No dia da festa de homenagem, no Eden-Teatro, a Antonio de Macedo, este empresario reconciliou-se com os seus colegas Augusto Gomes e Henrique Barreiros.

—Foi já superiormente autorizado o funcionamento, como teatro, do Aguia de Ouro, do Porto.

—A companhia Maria Matos está ensaiando no Porto a peça em 3 actos, "A mamã".

—Diz-se nos meios teatrais que o actor Ferreira da Silva, embora o seu nome faça parte do "elenco" do Nacional, não trabalhará na presente epoca naquele teatro...

Reclames

S. CARLOS—Os papeis da peça «Jerusalem!» que estão confiados aos artistas-emprezarios Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro e que são os de «Dionisia» e de «George Lesley», foram criados em Paris, respectivamente por madame Bartet e Albert Lambert.

GIMNASIO—Em primeira e unica recita da moda repete-se hoje a linda peça «A Labareda», em que Alves da Cunha tem um notabilissimo trabalho.

APOLO—Henrique Alves e Alvaro Pereira são, no seu magnifico trabalho do «Gato por lebre», acompanhados por um novo, Armando Machado.

O FUTURO DO NOSSO PATRIOTISMO COLONIAL

Angola, fonte de vida do Portugal de ámanhã

Dois diplomas que o país deve conhecer: a remodelação acertada do quadro do pessoal administrativo daquela provincia; concessão de terrenos para creação de gados e desenvolvimento da industria da preparação de carnes

Fez publicar o nosso Alto Comissario em Angola um decreto que remodela o quadro administrativo da provincia. Merece esse diploma, de importancia fundamental para o desafogo da vida daquela colonia, o qual representa implicitamente o desafogo de Portugal, meia duzia de palavras desartificiosas, mas sinceras. Demonstrou a experiencia a necessidade de se organisar um quadro privativo de funcionarios administradores de circunscrições, por se ter reconhecido incontroversa vantagem em que essas autoridades exercessem uma acção directa sobre as papulações indigenas, mantendo com elas contacto imediato.

Perem as vistas menos apuradas os beneficios que essa nova organisação, em favor da provincia e em favor de todos nós, realisará.

No entanto, convem acentuar, para uso dos muitos cegos de olhos abertos que infestam o paiz, que convinha transformar e regular, de modo amplo e a serio definido, o sistema de exercicio nos postos da fronteira territorial, no sentido de conseguir que os seus chefes, devidamente escolhidos, livres de comando de tropas, senhores duma autoridade forte e com pulso livre, ali representem, formas de correcção e de atitudes, sustentem, quer na politica indigena, quer nas relações com autoridades dos territorios sob a influencia das colonias visinhas, a grande obra nacional que o sr. Norton de Matos está esculturando em Angola.

Um decreto de notavel alcance

Pelo artigo 1.º é instituido um quadro compreendendo graus e classes, a saber: 1.º grau, os aspirantes; 2.º grau, os chefes de posto de 3.ª classe, os chefes de posto de 2.ª classe e chefes de posto de 1.ª classe e secretarios, 3.º grau, os administradores de 3.ª classe, os administradores de 2.ª classe e os administradores de 1.ª classe.

Pelo artigo 2.º os funcionarios do quadro administrativo são destinados ao serviço administrativo das circunscrições civis. A sua competencia e atribuições definem-se pelas leis e regulamentos de administração publica e em especial nos diplomas que regulam o regime organico das circunscrições civis.

O primeiro grau do quadro administrativo é destinado a servir de preparação e tirocinio para os graus superiores, podendo ser distribuido aos funcionarios respectivos qualquer cargo do serviço administrativo na sede da circunscrição ou nos postos. Serão secretarios do quadro administrativo os secretarios das administrações de concelho e os das circunscrições da fronteira.

Pelo artigo 3.º todas as nomeações, promoções, transferencias, confirmações, exonerações, demissões do pessoal do quadro são da exclusiva competencia do governador geral. O § unico dispõe que as nomeações para o 1.º grau e para a 3.ª classe do 2.º e 3.º, se consideram provisorias, no fim de dois anos de bom e efectivo serviço confirmam-se-hão ingressando os nomeados definitivamente no grau respectivo.

Pelo artigo 4.º a entrada para o 1.º grau é feita por nomeação do governador geral, devendo recair em quem satisfaça as condições do artigo 5.º: a entrada no 2.º e a promoção ao 1.º grau são feitas nos termos do mesmo decreto.

Pelo artigo 5.º exigem-se para a nomeação do aspirante as provas 2.ª, 3.ª e 4.ª do artigo 5.º e idade não inferior a 18 anos. Pelo artigo 6.º a nomeação de chefes de posto e secretarios será feita mediante a classificação, em Conselho Executivo, dos concorrentes que satisfaçam a estas condições: ter mais de 21 anos e menos de 30 de idade; ter suficiente robustez fisica, verificada na competente inspecção medica; ter bom comportamento moral e civil, comprovado por certificados do regime criminal das comarcas onde tenham residido nos ultimos 5 anos e por atestado administrativo da residencia; ter aprovação no exame de passagem á 2.ª secção do curso geral dos liceus; ter aprovação no exame de provas praticas de que trata a portaria provincial n.º 392, de 21 de Abril de 1913 ou no exame que vise a substituilo, dispondo o § unico que os candidatos habilitados com diploma de curso superior ou especial, ou com o curso da Escola Colonial se encontram dispensados do exame de provas praticas, e, em igualdade das condições que antecedem, sejam os preferidos para a nomeação.

Pelo artigo 7.º a nomeação dos administradores será feita mediante a classificação, em Conselho Executivo, dos funcionarios da 1.ª classe do 2.º grau que tenham obtido aprovação no exame para concursos administrativos, na conformidade do programa aprovado por portaria provincial n.º 376, de 17 de Abril de 1913, ou no que o vier a substituir, cinco anos de bom e efectivo serviço como chefes de posto. Preceitua o § 1.º que seja prova suficiente o exame oral pratico de *quimbundo*, como base de conhecimento dos restantes dialectos provinciais, nos termos do regulamento oportunamente publicado e o § 2.º estabelece que os candidatos habilitados com diploma de curso superior ou com o da Escola Colonial prestem a prova oral, assim passando a ser preferidos para a entrada no 3.º grau, uma vez que contem 2 anos, pelo menos, de serviço em qualquer das classes do 2.º grau, em igualdade das demais condições.

Pelo artigo 82.º os concursos para o 2.º grau que valem por 2 anos, serão abertos em Angola, por espaço de 120 dias, devidamente anunciados. Pelo artigo 9.º os exames para a entrada no 2.º grau far-se-hão anualmente em Loanda perante um juri composto de presidente e 2 vogais. Pelo artigo 10.º os da passagem ao 2.º grau realizar-se-hão de igual modo com a diferença do juri ser composto do presidente e 4 vogais, pessoas de reconhecida competencia nas materias do programa, incluindo um administrador de circunscrição civil. Pelo artigo 11.º a prova do exame oral pratico *quimbundo* será especial e com juri proprio, nomeado pelo governador geral, podendo fazer-se em qualquer epoca do ano.

Como devem ser feitas as colocações e promoções dos funcionarios administrativos

Estabelecido pelo artigo 12.º que, as promoções têm de ser feitas dentro do quadro, preceitua o artigo seguinte que o numero de administradores de 1.ª classe, não poderá ir além de 12 e o dos administradores da classe imediata a 20, regulando-se o quadro dos chefes de posto e de aspirantes, na medida do numero de circunscrições e postos, conseante as exigencias do serviço publico; a colocação dos funcionarios nas circunscrições e postos é feita de harmonia tambem com as necessidades do serviço, independentemente da classificação obtida no respectivo grau.

A promoção implica sempre para os chefes de posto, dentro do seu grau, a saida da circunscrição aonde se encontrarem; para os mesmos funcionarios e secretarios, a grau superior, ou para os administradores, á classe imediata, a retirada do distrito, não podendo os administradores ser colocados nas circunscrições aonde exerceram cargo de secretario sem haver decorrido 5 anos desde a cessação, por terem sido promovidos.

O artigo 14.º atribue aos funcionarios do quadro administrativo todos os direitos, regalias e garantias que as leis e regulamentos em vigor prescrevem para os demais civis da provincia. Têm direito aos vencimentos consignados no decreto n.º 15 de 19 de maio passado e ás percentagens, gratificações ou emolumentos que por leis e regulamentos lhes são destinados, percebendo os aspirantes, como vencimentos:

Categoria	906$00
Exercicio	543$30
Subvenção colonial	300$00
Subsidio eventual	1.250$70
	3.000$00

Os administradores de circunscrição de 1.ª classe, contando 3 anos de efectividade nesta classe e mais de 15 de serviço administrativo nos concelhos, intendencias, circunscrições ou em comissão, têm direito ao aumento de 208$85 no vencimento de categoria. Tem tambem direito todo o pessoal administrativo a moradia gratuita em predio do Estado, com a indispensavel mobilia, na sede da circunscrição ou postos, empregando-se nessa instalação uma parte dos fundos das circunscrições administraitvas.

Em obediencia ao que estatue o artigo 16.º, anualmente, no mês de fevereiro e referida a 31 de dezembro do ano antecedente, publicar-se-há no «Boletim Oficial», pela Secretaria do Interior, uma relação nominal de todos os funcionarios do quadro administrativo, com a indicação das categorias em que se encontram, datas em que para elas foram nomeados e designação dos cargos que estiveram desempenhando. O mesmo artigo dispõe que nas administrações das circunscrições haja os amanuenses ou escriturarios indispensaveis saidos do quadro auxiliar pelo decreto n.º 15.

A sua colocação será determinada pelo governador do distrito. Estatuido é, ainda pelo artigo 17.º, que em cada posto civil haja um amanuense ou escriturario do quadro auxiliar, colocado pelo governador do distrito, e, indistintamente em todas as circunscrições haja agentes de policia, que se denominarão cipaios, recrutados entre os indigenas no numero necessario ao serviço, de harmonia com as verbas anual e orçamentalmente designadas.

Terrenos para criação de gados e desenvolvimento da industria de preparação de carnes

Ao governo da provincia de Angola têm sido apresentados pedidos de concessão de terrenos para exploração das industrias de criação de gados e preparação de carnes. O alto comissario, considerando ser de toda a conveniencia favorecer e facilitar o desenvolvimento dessas industrias e suas derivadas, decretou que elas podem ser feitas em qualquer região da provincia, mediante arrendamentos por prazos de 15 anos, não devendo a soma exceder 90 anos e não podendo abranger areas superiores a 250.000 hectares em lotes separados com a area maxima de 500.000 hectares cada um.

As principais obrigações dos arrendatarios

Os arrendatarios obrigam-se para com o Estado:

Ao pagamento de uma renda inicial de um centavo por hectare e que dobrara sucessivamente e em relação á anterior, de quinze em quinze anos, por forma a ser de 16 centavos por hectare no ultimo prazo de quinze anos.

A demarcar os terrenos, em lotes não superiores a 50.000 hectares, nas regiões que lhe forem fixadas no diploma da concessão.

A fazer essa demarcação juntamente com um levantamento perimetral rigoroso no prazo maximo de dois anos, a contar da data do arrendamento.

A instalar nas areas concedidas, dentro de três anos, a contar da data do arrendamento, um serviço de combate ás epizootias, com os requisitos tecnicos indispensaveis que serão indicados em diploma do governo geral.

A contratar em Portugal a maioria do pessoal europeu necessario para o estabelecimento e exploração das industrias a que se refere o artigo 1.º, devendo esse pessoal ser constituido por familias, a quem serão distribuidas pelo concessionario areas não inferiores a 100 hectares nem superiores a 300, para constituirem uma pequena fazenda agricola.

A ter, no prazo de 15 anos, dentro da concessão, um minimo de 3.000 cabeças de gado bovino e seleccionado, por cada 50.000 hectares concedidos; a elevar este numero a 5.000 cabeças no prazo de 15 anos seguintes; a 7.000 no terceiro periodo, e a aumentar esse numero á razão de 15.000 cabeças em cada um dos periodos seguintes de 15 anos.

A ter, no mesmo prazo de 15 anos, rebanhos de gado miudo, porcino e outro, seleccionado, em numero não inferior a 3.000 cabeças por 50.000 hectares concedidos, elevando esse numero pela forma indicada na obrigação anterior.

As principais obrigações do Estado

O Estado obriga-se:

A não estabelecer qualquer regime de impostos ou taxas industriais, aduaneiras ou outras, que visem ou afectem unicamente o concessionario e que não sejam extensivas a todos os criadores de gado, europeus, da provincia.

A não permitir que dentro da area concedida circule ou transite gado alheio sem a competente guia passada pelos serviços veterinarios.

A não dar qualquer exclusivo de preparação de carnes, quer por meio de congelação, quer por outro processo.

A conceder, por aforamento, ao arrendatario, nos termos do regulamento para a concessão de terrenos, em vigor, não só todas as areas que forem cultivadas ou ocupadas nos termos da obrigação X do artigo 3.º e todas aquelas que sejam irrigadas em consequencia de trabalhos de hidraulica agricola executados pelo concessionario, mas tambem areas iguais ás cultivadas ou irrigadas, á escolha do concessionario, dentro da concessão.

A conceder, por aforamento, ás familias portuguesas os lotes de terreno que lhes tenham sido distribuidos pelo arrendatario nos termos da obrigação V do artigo 3.º, desde que tenham cultivado ou irrigado, pelo menos, 50 por cento desses lotes.

A pagar 50 por cento do custo das passagens das familias portuguesas a que se refere a obrigação V do artigo 5.º

DINHEIRO

Empresta-se sobre tudo que ofereça garantia, seja qual fôr o seu valor, juro convencional, muita seriedade, sigilo e rapidez nas transacções. Vendem-se joias, ouro, pratas em segunda mão e pianos dos melhores autores

n'A COMERCIAL

18, TRAVESSA DA TRINDADE, 22 (AO CHIADO)

TELEFONE C. 3:992

NO ESTRANGEIRO

NA CIDADE DE MILÃO

A sessão inaugural do congresso socialista

Os partidarios de Turatti pedem para se discutirem questões praticas --- Fala um representante do partido communista francês, mas não quere declarar o seu nome

ROMA, 13

A sessão inaugural do congresso socialista de Milão realizou-se com uma tranquilidade absoluta. Temiam-se manifestações fascistas que se não efectuaram. Na primeira sessão do congresso, os partidarios de Turatti pediram que se modificasse a ordem do dia e que se começassem a discutir questões praticas tais como a atual questão administrativa. Diante da oposição das esquerdas teve de ser retirada essa proposta. Depois de varios discursos a favor da manutenção da unidade do partido socialista, um representante do partido comunista francês subiu á tribuna. Os congressistas quizeram saber o seu nome e o presidente fez a estranha declaração de que não era oportuno dar a conhecer esse nome e que ele mesmo o ignorava.—(U. P.)

A conferencia de Washington

A representação de Portugal

WASHINGTON, 13

A aceitação formal de Portugal do convite para tomar parte na discussão sobre os assuntos do Extremo Oriente já deu entrada nesta secretaria e na repartição da conferencia de Washington.—(H.)

EM JERUSALEM

Descoberta de mosaicos e candelabros bisantinos

JERUSALEM, 13.

Investigações feitas em Beisan, a antiga Bethsham, por iniciativa da Universidade de Filadelfia, deram como resultado o descobrimento de belos mosaicos e candelabros bisantinos e de uma lapide de granito egipcia com uma inscrição que ainda não poude ser decifrada. — (U. P.).

A abdicação do rei Alexandre

Um desmentido formal da legação servio-croata-sloveno de Paris

PARIS, 13.

A legação do reino servio croata-sloveno declara que a informação publicada num jornal da manhã anunciando a intenção do rei Alexandre abdicar a favor do seu irmão mais velho, o principe Jorge, é distituida de todo o fundamento. — (R.).

DE BERLIM

A partilha da Alta Silesia

BERLIM, 13.

Os meios oficiais mostram-se desgostosos pela forma como o conselho das nações dispôz da Alta Silesia.

A CONFERENCIA DE WASHINGTON

O VERDADEIRO MOTIVO QUE ORIGINOU A CONFERENCIA FOI O GRANDE PROBLEMA DO PACIFICO

As rivalidades entre a America e o Japão—O conflito do futuro será ainda mais terrivel do que a grande guerra

Varios são os fins da conferencia de Washington, todos eles girando em torno deste nome que lhe é dado geralmente: conferencia do desarmamento. Entre esses pontos especificam-se: 1) limitação dos armamentos navais; 2) regras de fiscalização dos novos meios de guerra; 3) limitação dos armamentos terrestres; 4) questões do Pacifico e do Extremo Oriente, com todos os problemas referentes á China; 5) Siberia; 6) ilhas sob o regime de mandato.

No meio deste vasto programa passa quasi despercebido o motivo real que originou esta conferencia: o grande problema do Pacifico, a rivalidade entre os Estados Unidos e o Japão. Se as profundas divergencias entre estas duas nações não forem resolvidas satisfatoriamente, a conferencia de Washington será completamente nula.

O Japão tem-se desenvolvido prodigiosamente em poucos anos; a sua importancia cresceu a tal ponto que é seu representante o homem que preside á Sociedade das Nações. Para a conseguir, o Japão aliou ao seu desenvolvimento uma propaganda consideravel, espalhando brochuras em todas as linguas, nas quais mostra a sua situação: uma população de 77 milhões de habitantes amontoada em ilhas pouco extensas, sem logar para se se estabelecer, nem para alargar a produção industrial; o territorio está saturado de habitantes e de produção, e a esses homens, cujo representante preside ao mais alto tribunal do mundo, recusa-se o direito de se estabelecerem em qualquer serra americana ou britanica do Pacifico, e querem tirar-lhe o de se espalhar pela China e pela Mandchuria.

Considera a multiplicação prodigiosa da população e o correspondente desenvolvimento da civilização que os levaria de per si a forçarem algum logar da terra para continuarem o seu desenvolvimento, ha ainda a considerar a superioridade do seu armamento que, evidentemente, lhes não aconselha que usem a persuasão e a acção passiva como unico meio de alcançarem o que desejam.

E' certo que ha no Japão uma corrente diplomatica que segue os preceitos do imperador que dizia em 1868 que «a sciencia e a sabedoria são procuradas no mundo inteiro e com elas crescerá a fôrça do imperio», mas a corrente dos militarsitas parece ser muito mais forte do que ela. As grandes reportagens de Tokio para os jornais americanos dizem que a nação parece preparar-se activamente para um conflito proximo; afirma-se que o Japão está resolvido a tudo se as suas reclamações não forem satisfeitas em Washington.

O imperador está doente e espera-se para breve a sua morte. Kiro Hito subirá ao trono; a Europa pôde observar o grau da sua inteligencia e capacidade que não são de molde a deixar prever uma submissão incondicional.

Por outro lado, temos a considerar o espirito dos Estados Unidos que até agora recusaram qualquer concessão aos japoneses.

Mais de trinta jornais americanos publicaram um artigo de Frank Sismonos, no qual este dizia: «Os nossos aliados devem saber que nós somos desesperadamente sérios na questão japonesa. Foi para ter o seu apoio nesta questão que pedimos que viessem a Washington».

Encarando este problema é forçoso ter em vista que o odio dos dois povos não é apenas o odio de duas grandes nações, cuja grandeza está frente a frente, e se ameaçam reciprocamente como Cartago e Roma; a existencia duma, implica uma diminuição da outra; o engrandecimento duma, implica um perigo de morte para a outra; e estes perigos são tanto maiores quanto é certo que a industria e os interesses materiais têm aqui um papel minimo: o maior papel é desempenhado pelo odio das raças.

A America não admite japoneses no seu territorio porque não quere ser absorvida e aniquilada por eles. Ninguem ignora o desenvolvimento prodigioso da raça amarela. O estabelecimento dos japoneses na America equivaleria ao desaparecimento do povo americano, pela sua multiplicação incomparavelmente maior, e pelo cruzamento de raças que ainda apressaria mais tal desaparecimento. Vê-se pois que o antagonismo entre os dois povos é o mais profundo e o mais forte que pode dar-se.

A conferencia de Washington foi convocada em realidade para procurar debelar este perigo.

A dificuldade de tal empreendimento ressalta vivamente da propria situação.

Há porêm circunstancias que atenuam bastante a iminencia do perigo: a corrente diplomatica japonesa só consentirá a guerra, tendo a maior certeza da vitoria. Nesta luta de raça o Japão ficará sosinho, ao passo que a America terá a seu lado o mundo civilizado. O Japão tem contra si a propria China para a qual é tambem uma ameaça. Os Estados Unidos terão os aliados, terão todos os povos de raça branca.

A propria Inglaterra, cuja posição é dificil de determinar em virtude de interesses, se atendermos só á Gran-Bretanha, terá de lutar pelos Estados-Unidos, obrigada a isso pelo Canadá e pela Australia.

O problema de Washington é o problema do Pacifico, a rivalidade entre a America e o Japão, entre a raça branca e a raça amarela. A dificuldade da sua solução impõe-se; por isso mesmo todos devem esforçar-se por o resolver satisfatoriamente: se isto se não conseguir, o conflito futuro será tremendamente mais terrivel que o que acabou há anos, e ainda se fará sentir no mundo por muito tempo.

E' DAS QUENTES!
E' DAS BOAS!
Todas as noites ás 21,15
TEATRO APOLO

GATO POR LEBRE
Todas as noites ás 21,15 e
E' DAS BOAS!
E' DAS QUENTES!

TEATRO DO GIMNASIO
Companhia ALVES DA CUNHA
HOJE — PRIMEIRA E UNICA RECITA DA MODA
com a interessantissima peça
A LABAREDA
Magistral creação de
ALVES DA CUNHA
Esplendido desempenho em que tambem toma parte
BERTA DE BIVAR
A'MANHÃ
O CELEBRE PINA
Reaparição de FLORA DYSON
BREVEMENTE
1.ª recita d'assinatura com a nova peça tradução de JOÃO SOLER
MARIDOS ENCRAVADOS
Continua aberta a assinatura para 6 RECITAS com peças diferentes.

DOS ESTADOS UNIDOS

As dividas dos aliados aos Estados Unidos

A Inglaterra e a França devem á America quantias importantissimas, tendo pago até 24 de Julho ultimo, respectivamente, 4.227 milhões e 2.997:477.800 "dollars"

WASHINGTON, 13

A Camara do Comercio Internacional reuniu-se em Paris para discutir o assunto das dividas inter-aliadas. A' data de 24 de Julho, as dividas dos diferentes beligerantes aliados aos Estados Unidos estabelecem-se pela seguinte forma:

Inglaterra	4.227.000.000
França	2.997.477.800
Italia	1 648.534.050
Belgica	249.210.468
Russia	187.[illegible].750
Tcheco-Slovaquia	61.[illegible].207
Servia	26.760.466
Romenia	25.000.000
Grecia	15.000.000
Cuba	10.000.000
Liberis	26.000
Total (dolars)	9.[illegible].518.741

Por outro lado, os lucros pagos até aqui por estes diferentes emprestimos dividem-se assim:

Inglaterra	245.557.186
França	129.570.376
Italia	57.588.853
Belgica	10.907.282
Fussia	4.832.353
Cuba	1.282.370
Grecia	784.153
Servia	636.059
Tcheco-Slovaquia	304.178
Romania	263.314
Liberis	861
	451.736.986

A Inglaterra em primeiro logar e a França a seguir devem aos Estados Unidos quantias importantissimas. A comissão nomeada pela Camara do Comercio Internacional para estudar a questão poderá somente emitir uma opinião sobre este ponto; não está autorizada para mais.

A LUTA EM MARROCOS

A acção do general Berenguer

As selvagerias praticadas pelos mouros

MADRID, 13.

A atitude do general Berenguer nos ultimos sucessos de Marrocos tem sido altamente apreciada nesta cidade. O general deu provas de uma grande capacidade tactica, de inteligencia, de serenidade e de uma grande capacidade de coordenações de esforços, atendendo simultaneamente ás acções que se precisam realizar em Ceuta, Larache e Tetuan, onde os rebeldes pretendem indisciplinar as kabilas submetidas. Elogia-se tambem entusiasticamente a bravura do general Sanjurjo.

O sr. Lacierva veiu horrorizado com as selvagerias cometidas pelos mouros, dizendo ser impossivel consenti-los ás portas da Europa e sendo necessario dar-lhes um castigo exemplar. O sr. Lacierva assegurou que seriam enviados para Marrocos todos os elementos necessarios, tendo chegado já material de aviação em abundancia para auxiliar as outras armas. Confirmou a submissão de muitos chefes de kabilas. — (R.).

UMA SAUDAÇÃO

O 39.º aniversario da Associação dos Jornalistas do Porto

A direcção da Casa dos Jornalistas expediu esta tarde o seguinte telegrama ao presidente da Associação dos Jornalistas do Porto, cujo 39.º aniversario passa hoje:

«Presidente da Associação dos Jornalistas — Porto. — Em nome da Casa dos Jornalistas, a cuja comissão executiva tenho a honra de presidir, saudo em V. Ex.ª, na data de hoje, todos os nossos ilustres confrades portuenses e exprimo o voto de que a sonhada confraternização da classe, que em Lisboa procura ter consubstanciação na execução do pensamento generoso de Raposo de Oliveira, seja em breve um facto a todos os titulos dignificante. — *Luiz Derouet.*»

NO MATADOURO MUNICIPAL

O caso da morte de três bois impropios para o consumo

O nosso colega «Diario de Noticias» informava que, em virtude de influencias movidas no sentido de se abaterem no Matadouro Municipal rezes em mau estado sanitario, deviam ser ali mertos hoje três bois com destino aos hospitais civis de Lisboa e que no Mercado Geral de Gado tinham sido considerados impropios para consumo.

Colhendo informações, soubemos que é possivel que esses animais, quando vivos, tenham sofrido quaisquer reparos do inspector veterinario do M. G. G.; mas, se isso aconteceu, foi há muito tempo e a doença, que não ia além de uma certa magreza, desapareceu-lhes e os três bois, cuja carne, depois da operação da choupa, que esta tarde se realizou, está magnifica.

Assim o constataram dois autorizados peritos na materia.

Teatro de S. Carlos

Inaugura-se em Dezembro a temporada lirica neste teatro

De regresso do estrangeiro é esperado em Lisboa, no proximo dia 18, o sr. Casali, director tecnico do Teatro de S. Carlos, que vem ultimar os trabalhos para a inauguração da temporada de opera lirica, em Dezembro.

Além-mar

O alferes Leote do Rego é nomeado chefe interino do gabinete do sr. Norton de Matos

Foi nomeado chefe interino do gabinete do Alto Comissario em Angola o sr. Luís Leote do Rego.

Administrador da Companhia da Zambezia

Já foi assinado o decreto que nomeia administrador da Companhia da Zambezia o sr. Pinto Serra.

Procuradores da Republica no Bihé e Malange

Foram nomeados delegados do Procurador da Republica, no Bihé e no Malange, respectivamente, os srs. José do Couto e Braulio de Oliveira.

Funcionarios de Angola

Foi exonerado a seu pedido de chefe da repartição superior de comunicações da secretaria do comercio e industria de Angola, o capitão-tenente sr. Almeida Couceiro.

JOALHARIA, RELOJOARIA E OURIVESARIA
— DE —
JULIO REI, L.DA
ex-empregado da JOALHARIA ABREU
Grande sortimento em joalharia, relojoaria e pratas por preços sem competencia
30, Praça dos Restauradores, 31
(Palacio Foz)
Antiga Relojoaria Oliveira

A VIDA DO GOVERNO

A posse do novo ministro do Comercio

O sr. dr. Antonio Curson declarou-se disposto a resolver definitivamente a questão dos T. M. E.

Como estava anunciado, realizou-se hoje, pelas 15 horas, a posse do novo ministro do comercio, sr. dr. Antonio Curson. Ao acto, extraordinariamente concorrido, assistiram o chefe do governo e os ministros das finanças, agricultura e colonias, os directores gerais do ministerio, muitos parlamentares, amigos pessoais, etc. Usou, em primeiro logar, da palavra, o sr. dr. Fernandes Costa, que felicitou o sr. dr. Antonio Granjo, pela acertada escolha do sr. dr. Antonio Curson que as suas reconhecidas qualidades de inteligencia e actividade tanto recomendavam. Ele, orador, sai neste momento do governo, por ser chamado a prestar serviço á Republica na legação de Madrid. Devido a isso, lega ao seu sucessor alguns problemas por resolver, confiando em que ele procederá com o indispensavel espirito de equidade. Agradece, por ultimo, a todos os seus colegas do ministerio, a colaboração leal que sempre lhe prestaram.

Usou da palavra, em seguida, o sr. presidente do ministerio. Agradece ao sr. dr. Fernandes Costa a colaboração que prestou á politica geral do governo e elogia as suas qualidades de competencia e trabalho, que lhe permitiram resolver alguns importantes problemas, a bem dos interesses publicos. S. Ex.ª abandona a pasta do comercio por ter sido escolhido, pelo governo, nosso ministro em Madrid, onde, certamente, prestará ao paiz serviços ainda mais notaveis. O sr. dr. Antonio Curson, em todo o paiz, é conhecido como uma competencia em assuntos financeiros e comerciais, devendo se sentir á vontade, dentro do ministerio, que á guarda da sua inteligencia confiaram.

Discursou, por ultimo, o sr. dr. Antonio Curson. Considera exageradas as palavras dos srs. drs. Antonio Granjo e Fernandes Costa, porquanto, além de a si proprio não reconhecer a competencia necessaria, faltam-lhe os dotes que a pasta do comercio exige. Aceitou o convite para comparticipar do governo do paiz, porque lhe disseram que era preciso que todos se sacrificassem para bem da Republica. Está animado da melhor vontade para resolver os problemas que correm pela sua pasta, apesar de considerar de uma grande dificuldade governar em tempos normais, quanto mais na época que vai correndo.

Encontra-se na disposição de resolver a questão dos T. M. E., tão discutida pela imprensa. Se houver culpados, castigá-los-há, sejam eles quem forem, porque a Republica tem que se impôr pela honestidade. Mas se, pelo contrario, averiguar que tudo quanto se tem dito é uma calunia, dará uma indispensavel reparação aos caluniados. Parte da resolução deste caso, pertence ao parlamento e ele, ministro do Comercio, colaborará lealmente com os representantes do povo. Tambem pensa em aperfeiçoar o funcionamento dos armazens gerais industriais, de forma a corresponderem ás necessidades da nossa industria. Quanto á nomeação do sr. Lisboa de Lima para nosso representante na exposição do Rio de Janeiro, cuidará a que a essa alta competencia, não falte o auxilio necessario, para que o nome de Portugal mais uma vez se dignifique perante o estrangeiro. Outros assuntos, como o aproveitamento dos carvões e quedas de agua, correm pela sua pasta, e ele procurará resolvê-los da melhor fórma possivel.

O novo ministro do Comercio, tem sido muito cumprimentado pelos seus melhores amigos pessoais e politicos.

No 2.º Tribunal Militar Territorial

Julgamento de três soldados

Reuniu hoje o Tribunal Militar Territorial, em Santa Clara, sob a presidencia do coronel sr. Marinho Falcão Santos, para julgamento dos soldados Antonio, de infantaria 4; Diogo Cascarilo e José Martins, de infantaria 11, acusados dos crimes de deserção e extravio de artigos militares.

Não compareceram as testemunhas de acusação e defesa.

Em seguida, iniciaram-se os debates, que foram falhos de importancia.

A's 16 horas foi lida a sentença que condenou o Antonio em 10 meses de presidio militar; o Martins em 5 meses de incorporação em deposito disciplinar, e o Cascarilo em 4 meses de prisão correccional. Estes reus sairam em liberdade, por lhes ser levada em conta o tempo de prisão já sofrida.

DE LONDRES

A viagem do principe de Galles á India

LONDRES, 13.

Dizem de Bombaim que o congresso nacionalista indio votou uma moção para que seja proclamada a greve geral, quando o principe de Galles chegar á India. A imprensa diz que, em vista dos actuais disturbios na India, a viagem do principe herdeiro devia ser adiada. — (U. P.).

Um inquerito á Albania

A comissão partirá no dia 20

PARIS, 13.

Segundo o jornal «Les Debats», a comissão de inquerito á Albania partirá em 20 de outubro, tendo sido já indicados os seus membros, aguardando-se sómente a aceitação dos convites do Luxemburgo, Holanda e Venezuela. O secretario da comissão será um norueguês. — (R.).

CONFERENCIAS DE MINISTROS

Conferenciaram hoje com o sr. ministro da guerra o seu colega das colonias, e o sr. general Sousa Rosa, comandante da 3.ª divisão do exercito.

* * *

A' hora de fecharmos o nosso jornal está-se realizando uma conferencia entre o chefe do governo, ministro das finanças e dr. Fernandes Costa.

Sindicato Agricola do Seixal

Interesses regionais

O Sindicato Agricola do Seixal, representado pelo seu presidente sr. José O'Neill Pedrosa, renovou junto do sr. ministro do comercio o pedido de desobstrução da cale do Zé-Mouto, em Coina, e protestou contra a apropriação do arvoredo das propriedades confinantes com as estradas, facto de que são acusados os empregados das obras publicas.

A conferencia internacional das ilhas Aland

PARIS, 13.

A conferencia internacional das ilhas Aland estudou já os meios de conciliar os pontos de vista da Suecia e Finlandia, sobre a neutralização das referidas ilhas. — (R.).

Espectaculos

S. CARLOS—Fechado.
NACIONAL—Fechado.
S. LUIZ—A's 21—«Marido provisorio».
GIMNASIO—A's 21,30—«A Labareda».
AVENIDA—A's 21,15—"Flôres da Noite".
APOLO—A's 21,15—"Gato por lebre".
POLITEAMA—A's 21,30—"A raça".
EDEN—Fechado.
CHIADO TERRASSE—Fechado.
TEATRO GIL VICENTE—(á Graça)—Aos domingos, segundas e quintas feiras—«A Martir».
TEATRO DOS ANJOS—A's 21—Quintas, sabados e domingos—«O homem macaco», revista.
COLISEU DOS RECREIOS—Não ha espectaculo.

SALÃO FOZ—Animatografo e variedades.
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALÃO IDEAL—Animatografo.
SALÃO CENTRAL—Animatografo e concerto.

Bolsa de Lisboa

Dia 13

CAMBIO

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	47$00	50$
s|Londres cheque	6 1|8	6
» 90 d. v.	6 1|4	—
Rio s|Londres	8 1|4	—
s| Paris	738	754
s| Italia	399	408
s| Belgica	730	745
s| Suissa	1868	1907
s| Espanha	1363	1392
s| Berlim	76	84
s| Holanda	3405	3476
s| Nova York	10175	10400
Rio Brasil	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	5 1|2 0|0	—
» » » » Portugal	7 1|2 0|0	—
Agio do ouro	800	900

COT. ESTRANGEIRAS

Madrid s|Paris	—
» s|Londres	28,73
» s|New-York	—
» s|Berlim	6,25
Paris s|Londres	53,04
» s|Madrid	184,25
» s|Genebra	253
» s|Berlim	10,62
Londres s|Paris	53,025
» s|Roma	93,
» s|New-York	3,845
» s|Berlim	511
» Amsterdam	11,51
» s|Genebra	20,975
» s|Belgica	—
» s|Suecia	—
» s|Austria	—

FAZER VIDA...

O ESTADO MAIOR DA CAIXA GERAL DE DEPOSITOS

Uma carta do sr. dr. Augusto Cid

Do sr. dr. Augusto de M. Cid, advogado da Caixa Geral de Depositos, recebemos a seguinte carta:

Meu caro dr. Manso:—No «Diario de Lisboa» de ontem, vem publicada uma local sob o titulo «O estado maior da Caixa Geral de Depositos» que, por conter muitas inexactidões quanto aos vencimentos dos membros do conselho de administração daquele estabelecimento, de que sou advogado, me leva a escrever-lhe esta carta.

Assim, não é verdade o que na mesma local se afirma quanto aos ordenados mensais dos membros daquele conselho, pois que cada um deles tem o ordenado mensal de 360$00, percebendo sómente o administrador geral mais 25$00.

Tambem não é verdade que aqueles funcionarios acumulem as suas funções com as do conselho fiscal, o que seria absurdo e contraditorio, nada tendo, portanto, com as chamadas cedulas de presença e participação nos lucros que a estes membros do conselho fiscal são distribuidas.

Quanto ás participações nos lucros que por lei pertencem aos membros do conselho de administração, se no ano findo atingiram realmente a importancia que o seu informador indica, pode, em outros anos, não suceder o mesmo; pode mesmo suceder que nada recebam. Isso depende dos lucros liquidos realizados e do trabalho constante que o conselho tenha, como tem tido até hoje, com a administração dos interesses da Caixa, resultando dessa boa administração o maior proveito para os interesses do Estado. E é de notar que desses lucros liquidos participa tambem todo o pessoal da Caixa, ao qual por lei pertencem 3,5 % dos mesmos lucros, atingindo essa verba no ultimo ano quantia superior a 100 contos.

Ora a verdade é que os vencimentos dos membros do Conselho de Administração, nem de longe se podem comparar com os grandes ordenados dos directores de muitos estabelecimentos bancarios, onde o movimento é imcomparavelmente muito menor do que o que hoje representa a Caixa Geral de Depositos.

Finalmente deixe-me tambem dizer-lhe que é absolutamente inexacta a afirmação feita na ultima parte da mesma local, de que ha sempre um administrador em viagem de fiscalização ás agencias com todas as despezas pagas pela casa.

Em todo o ano que passou, essas viagens (que são expressamente recomendadas pelo regulamento) não excederam, em conjunto, algumas dezenas de dias, e pena é que tão poucas se pudessem realizar, pois são sempre extremamente proveitosas—como os factos o têm comprovado—para os interesses da Caixa e, consequentemente, para os do Estado.

Agradecendo-lhe a publicação destas linhas, subscrevo-me de v. etc.—a) *Augusto de M. Cid.*

EMPREZA HENRIQUE BARREIROS, LIMITADA
EDEN TEATRO
Companhia
Nascimento Fernandes
BREVEMENTE
PAU DE DOIS BICOS
REVISTA POR SESSÕES